

# escândalos privados

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para o Papá*





PRIMEIRA  
PARTE

§

«É chegada a hora de falarmos  
de muitas coisas», disse a morsa.»

— LEWIS CARROLL



Estava uma noite sem luar em Chicago, mas para Deanna o momento tinha todas as qualidades de *High Noon*. Era fácil ver-se no papel corajoso e digno de Gary Cooper, preparando-se para confrontar o astuto e vingativo fora-da-lei.

Mas, que diabos, pensava Deanna. Chicago era a *sua* cidade. Angela é que era a forasteira.

Deanna achava que exigir um confronto no mesmo estúdio em que ambas haviam trepado a escorregadia escada da ambição era mesmo típico do sentido de dramatismo de Angela. Mas agora o estúdio era de Deanna, e era o programa *dela* que conseguia a maior fatia do *share* das audiências. Não havia nada que Angela pudesse fazer para mudar isso, a não ser que fosse conjurar Elvis do túmulo e pedir-lhe que cantasse «Heartbreak Hotel» para o público do estúdio.

Deanna esboçou um leve sorriso ao imaginar tal coisa, mas o facto não tinha muita graça. Angela era, acima de tudo, uma adversária de respeito. Ao longo dos anos ela utilizara tácticas abomináveis para manter o seu talk-show sempre no topo da tabela.

Mas o que quer que Angela estivesse a preparar daquela vez não iria resultar. Ela subestimara Deanna Reynolds. Angela podia espalhar rumores e ameaçar fazer os escândalos que quisesse, mas não havia nada que ela pudesse dizer que alterasse os planos de Deanna.

Contudo, Deanna iria ouvir o que ela tinha para lhe dizer. Deanna achava que ia até tentar, uma última vez, chegar a um acordo. Oferecer, se não uma amizade, pelo menos umas tréguas cautelosas. Havia pouca esperança de reconciliação depois de tanto tempo de hostilidade, mas na cabeça de Deanna a esperança era eterna.

Pelo menos até se esgotar.

Concentrando-se no assunto em mãos, Deanna entrou no parque de estacionamento do edifício da CBC. Durante o dia, o parque estava sempre apinhado de carros — técnicos, directores, produtores, novos talentos, secretárias, internos. Deanna costumava ir e regressar com o motorista, evitando a confusão. Dentro do enorme edifício branco, as pessoas andavam numa constante correria para pôr as notícias no ar — às sete da manhã, ao meio-dia e às dez da noite —, o programa *Vamos*

*Cozinhar!* com Bobby Mar-ks, o semanal *A Fundo* com Finn Riley e o mais célebre talk-show do país: *Hora de Deanna*.

Mas naquele momento, pouco depois da meia-noite, o estacionamento estava quase vazio. Havia meia dúzia de carros que pertenciam à equipa que garantia o serviço básico e que estava naquele momento a passar descontraidamente o tempo na redacção, à espera que algo acontecesse no mundo. Provavelmente na esperança de que quaisquer novas guerras não deflagrassem até terminar o turno da noite.

Desejando estar noutra qualquer, Deanna estacionou num lugar vago e desligou o motor. Durante alguns instantes, deixou-se ficar simplesmente sentada a escutar a noite, o movimento dos carros na rua à esquerda, o barulho do enorme sistema de ar condicionado que mantinha frios o edifício e o equipamento dispendioso. Tinha de controlar as suas emoções confusas e nervos antes de encarar Angela.

Os nervos eram uma segunda natureza na profissão que ela escolhera. Ela tinha de conviver e trabalhar com eles. Os nervos eram algo que podia e iria controlar, principalmente porque perder a calma não lhe serviria de nada. Mas aquelas emoções, tão fortes e contraditórias, eram outra história. Mesmo depois de passado tanto tempo, era difícil esquecer que a mulher que estava prestes a enfrentar era alguém que ela já admirara e respeitara. E em quem confiara.

Por experiência própria, Deanna sabia que Angela era perita em manipular emoções. O problema de Deanna — e muitos afirmavam ser o seu talento — era a incapacidade para esconder os sentimentos. Escancarava-os sempre para quem quisesse ouvir. O que ela sentia era reflectido nos olhos cinzentos, visível no inclinar de cabeça ou na expressão da boca. Alguns afirmavam que era isso que a tornava irresistível e perigosa. Virou o espelho retrovisor para ela. Sim, pensou, conseguia ver as faíscas de fúria nos olhos, e também o ressentimento e a mágoa. Afinal, ela e Angela tinham sido amigas. Ou quase amigas.

Mas também conseguia ver o prazer da expectativa. Aquela era uma questão de orgulho. Aquele combate estava iminente há muito tempo.

Sorrindo um pouco, Deanna retirou um tubo de batom e pintou cuidadosamente os lábios. Não se enfrentava uma arqui-rival sem o mais básico dos escudos. Satisfeita por ter a mão firme como uma rocha, voltou a guardar o batom e saiu do carro. Ficou parada um momento, inspirando o ar balsâmico da noite enquanto se perguntava uma coisa:

*Calma, Deanna?*

*Não*, pensou. Estava era acelerada. Se a energia resultava de nervos, não interessava. Bateu com a porta do carro e atravessou a passos largos o parque de estacionamento. Tirou o cartão de identificação de dentro do bolso e passou-o na ranhura ao lado da porta das traseiras. Segundos depois apareceu uma luzinha verde que lhe permitiu baixar o manípulo e empurrar a pesada porta.

Depois carregou no interruptor para acender as luzes das escadas e deixou a porta fechar-se atrás dela.

Deanna achava interessante o facto de Angela não ter chegado antes dela. Devia ter recorrido a um serviço de táxis, pensou Deanna. Agora que Angela se instalara em Nova Iorque, já não tinha um motorista particular em Chicago. Deanna estava surpreendida por não ter visto uma limusina à espera no estacionamento.

Angela nunca se atrasava. Nunca.

Era uma das muitas coisas que Deanna admirava nela.

O som dos saltos dos sapatos de Deanna nos degraus ecoavam enquanto ela descia para o piso inferior. Quando passava o cartão pela ranhura da porta seguinte, indagou-se brevemente quem teria Angela subornado, ameaçado ou seduzido para conseguir entrar no estúdio.

Não muitos anos antes, Deanna descera apressadamente aquelas mesmas escadas, de olhos arregalados de entusiasmo, fazendo recados solicitados por Angela. Estivera pronta a abanar a cauda como um cachorrinho ansioso por qualquer sinal de aprovação. Mas, como qualquer cachorrinho esperto, tinha aprendido.

E quando chegara a traição, e a desilusão lancinante, ela podia ter-se lamentado, mas lambera as feridas e utilizara tudo o que aprendera — até a aluna se transformar na mestra.

Não devia ter ficado surpreendida ao descobrir o quão rapidamente velhos ressentimentos, há muito mitigados, podiam reacender-se. E desta vez, quando enfrentasse Angela, seria no seu território, segundo as suas próprias regras, pensou Deanna. A miúda ingénua do Kansas estava mais do que preparada para flectir os músculos de uma ambição consciente.

E talvez, quando o fizesse, a atmosfera desanuviasse finalmente e se encontrassem em pé de igualdade. Se não fosse possível esquecer o que acontecera entre as duas no passado, era sempre possível aceitar e seguir em frente.



Deanna passou o cartão na ranhura ao lado das portas do estúdio. A luz passou a verde. Ela empurrou as portas e entrou na escuridão.

O estúdio estava vazio.

Isso agradava-lhe. Chegar primeiro dava-lhe mais uma vantagem, como uma anfitriã que conduz um convidado indesejável para dentro da sua casa. E se casa era onde uma menina se transformava em mulher, onde se aprendia e se discutia, o estúdio era a sua casa.

Sorrindo um pouco, Deanna procurou no escuro o interruptor que controlava um conjunto de luzes no tecto. Ela pensou ter escutado qualquer coisa, algum sussurro que mal perturbava o ar. E uma sensação trespassou aquele óptimo sentido de antecipação. Uma sensação de que não estava só.

*Angela*, pensou ela. E ligou o interruptor.

Mas assim que as luzes do tecto se acenderam, umas mais brilhantes e ofuscantes explodiram dentro da sua cabeça. No momento em que sentiu a dor que as acompanhava, mergulhou de novo na escuridão.

\*

**D**eanna recuperou os sentidos, gemendo. A cabeça, cheia de dores, tombou contra as costas de uma cadeira. Zonza, desorientada, levou uma mão à zona mais dorida. Os dedos saíram ligeiramente manchados de sangue.

Ela esforçou-se para focar, atónita por se ver sentada na própria cadeira, no próprio estúdio. Teria perdido alguma coisa? — interrogou-se, confusa, fitando a câmara onde brilhava a luz vermelha.

Mas não havia público de estúdio atrás da câmara, nem técnicos atarefados mais ao longe. Embora as luzes a inundassem com o calor familiar, não estava nenhum programa a decorrer.

Ela tinha ido até ali para se encontrar com *Angela*, lembrou-se Deanna.

A sua visão turvou de novo, como água perturbada por um seixo, e ela pestanejou para a clarear. Foi então que o seu olhar detectou as duas imagens no monitor. Deanna viu-se a ela própria, pálida e de olhos vidrados. E depois viu, com horror, a convidada sentada na cadeira ao lado da dela.

*Angela*, num fato de seda rosa decorado com botões pérola. Fia-das de pérolas condizentes em volta do pescoço e em cacho nas orelhas.

Angela, com o cabelo louro suavemente penteado, de pernas cruzadas e mãos entrelaçadas sobre o braço direito da cadeira.

Era Angela. Oh, sim, não havia dúvida. Muito embora o seu rosto tivesse sido destruído.

Havia sangue salpicado sobre a seda rosa, ao qual se juntava mais que escorria quase indolentemente do sítio onde aquele rosto encantador e perspicaz deveria estar.

Foi então que Deanna começou a gritar.

## 1.

*Chicago, 1990*

Em cinco, quatro, três...

Deanna sorriu para a câmara do seu canto no cenário do *Noticiário do Meio-dia*. — O nosso convidado esta tarde é Jonathan Monroe, um autor local que acaba de publicar um livro intitulado *Quero o que é Meu*. — Levantou o magro volume da pequena mesa redonda que se encontrava entre as cadeiras, inclinando-o em direcção à câmara dois. — Jonathan, o subtítulo do seu livro é *Egoísmo Saudável*. O que é que o inspirou para escrever sobre uma característica que a maioria das pessoas considera um defeito?

— Bem, Deanna. — O homem riu por entre dentes; um homem baixo com um sorriso radioso e que suava abundantemente sob as luzes. — Eu queria o que é meu.

Boa resposta, pensou ela, mas era óbvio que ele não ia aprofundar sem um pouco de incitamento. — E quem não quer, se formos honestos? — disse ela, tentando pô-lo à vontade com um sentido de camaradagem. — Jonathan, afirma no seu livro que este egoísmo saudável é sufocado por pais e educadores, logo desde a nascença.

— Exactamente. — O sorriso brilhante permanecia fixo enquanto os olhos se moviam em pânico.

Deanna ajeitou-se subtilmente, pousando a mão sobre os dedos rígidos do homem mesmo abaixo do alcance da câmara. Os olhos dela radiavam interesse, o toque comunicava apoio. — O senhor acredita que a exigência dos adultos de que as crianças partilhem brinquedos estabelece

um precedente antinatural. — Apertou encorajadoramente a mão dele. — Não acha que partilhar é uma forma básica de cortesia?

— De todo. — E ele começou a explicar-lhe porquê. Embora as explicações fossem dadas de forma hesitante, ela foi capaz de suavizar a inépcia orientando-o durante o segmento de três minutos e quinze segundos.

— Este é o livro *Quero o que é Meu*, de Jonathan Monroe — disse ela para a câmara, em conclusão. — Agora disponível nas livrarias. Muito obrigada por ter estado hoje connosco, Jonathan.

— Foi um prazer. Gostava só de acrescentar que estou actualmente a trabalhar no meu segundo livro, intitulado *Saiam do Meu Caminho, Eu Cheguei Primeiro*. É sobre agressão saudável.

— Desejo-lhe boa sorte com ele. Voltamos dentro de momentos com o resto do *Noticiário do Meio-dia*. — Quando entraram no intervalo, ela sorriu para Jonathan. — Saiu-se muito bem. Agradeço que tenha aceite o meu convite.

— Espero não ter feito má figura. — Assim que lhe tiraram o microfone, Jonathan pegou num lenço para secar a testa. — É a primeira vez que venho à televisão.

— Saiu-se bastante bem. Penso que isto irá gerar muito interesse pelo seu livro.

— A sério?

— Sem dúvida. Importa-se de me autografar este?

Novamente com um brilho nos olhos, ele pegou no livro e na caneta que ela ofereceu. — A Deanna facilitou as coisas. Eu dei uma entrevista radiofónica esta manhã. O apresentador não tinha lido sequer a contracapa.

Ela pegou no livro autografado e levantou-se. Parte do seu pensamento e a maior parte da energia estavam já na mesa do noticiário do outro lado do estúdio. — Isso complica a tarefa de toda a gente. Obrigada, mais uma vez — disse ela, estendendo uma mão. — Espero que volte cá com o próximo livro.

— Teria muito gosto. — Mas ela já se afastara, desviando-se agilmente de pilhas de cabos para ocupar o seu lugar no plateau do noticiário. Depois de enfiar o livro debaixo da bancada, prendeu o microfone na lapela do fato vermelho.

— Outro chanfrado. — O comentário vindo do seu co-pivô, Roger Crowell, era típico.

— Ele era muito simpático.

— Tu achas que toda a gente é simpática. — Sorrindo, Roger verificou a sua aparência no espelho de mão e fez um ajuste na gravata. Ele tinha um bom rosto para a câmara: maduro, fidedigno, com uns distintos laivos cinzentos nas têmporas do cabelo cor de ferrugem. — Especialmente os malucos.

— É por isso que eu te adoro, Roger.

O comentário provocou risinhos entre a equipa de filmagem. Qualquer resposta que Roger pudesse ter dado foi interrompida pela sinalização do tempo dada pelo assistente de realização. Enquanto o teleponto rolava, Roger sorria para a câmara, preparando o tom para uma peça leve sobre o nascimento de tigres gémeos no zoo.

— E é tudo por agora. Não percam a seguir o programa *Vamos Cozinhar!* Eu sou Roger Crowell.

— E eu Deanna Reynolds. Até amanhã.

Enquanto a música de fecho tocava no auricular, Deanna virou-se para sorrir para Roger. — És um sentimental, amigo. Foste tu próprio que escreveste essa peça sobre os tigres-bebé. Tinha claramente o teu dedo.

Ele enrubescou um pouco, mas piscou o olho. — Só lhes dou o que eles querem, querida.

— E estamos terminados. — O assistente de realização esticou os ombros. — Bom programa, pessoal.

— Obrigada, Jack. — Deanna estava já a desprender o microfone.

— Eh! Queres vir almoçar? — Roger estava sempre pronto para comer, e contrariava o seu romance com a comida com o *personal trainer*. Não se conseguia esconder quilos do olhar impiedoso da câmara.

— Não posso. Tenho uma tarefa.

Roger levantou-se. Abaixo do impecável casaco de sarja azul, usava um par de bermudas garridas. — Não me digas que é para o terror do estúdio B.

Um leve sinal de irritação toldou os olhos dela. — Ok, não digo.

— Eh, Dee. — Roger alcançou-a no extremo do plateau. — Não fiques zangada.

— Eu não disse que estava zangada.

— Não precisas. — Desceram o único degrau largo do lustroso cenário para o chão de madeira cheio de marcas, circundando câmaras e

cabos. Empurraram juntos as portas do estúdio. — Estás zangada. Vê-se. Ficas com uma ruga entre as sobrancelhas. Olha. — Puxou-a pelo braço para dentro do gabinete de maquilhagem. Depois de ligar as luzes, pôs-se atrás dela, com as mãos sobre os ombros enquanto olhavam para o espelho. — Vês? Ainda está ali.

Deliberadamente, ela fê-la desaparecer com um sorriso. — Não vejo nada.

— Então deixa-me dizer-te o que vejo. A mulher de sonho de qualquer homem. Sexo hábil e sadio. — Quando ela franziu o sobrolho, ele sorriu apenas. — É esse o aspecto, miúda. Esses olhos enormes e *sex appeal*. Qualidades nada más para uma repórter de televisão.

— E a inteligência? — ripostou ela. — Habilidade para a escrita, coragem.

— Estamos a falar de aspecto. — O sorriso dele aumentou, aprofundando as linhas de expressão em redor dos olhos. Ninguém em televisão se atrevia a referir-se a elas como rugas. — Olha, a minha última co-pivô era uma pirosa. Cabelo todo arranjado, capas de porcelana nos dentes. Preocupava-se mais com as pestanas do que em fazer o trabalho dela.

— E agora lê as notícias na segunda maior estação de Los Angeles. — Deanna sabia como funcionava o meio. Oh, se sabia! Mas não tinha de gostar. — Segundo os rumores, ela está a ser embelezada para a estação.

— É esse o jogo. Pessoalmente, eu gosto de ter alguém com cérebro ao meu lado, mas não esqueçamos o que somos.

— Pensei que fôssemos jornalistas.

— Jornalistas *televisivos*. Tens uma cara que foi feita para a câmara e que diz tudo o que tu pensas, tudo o que estás a sentir. O único problema é que é a mesma longe das câmaras, e isso torna-te vulnerável. Uma mulher como a Angela come meninas do campo como tu.

— Eu não cresci no campo. — A voz dela era seca como um deserto.

— Mais valia que tivesses crescido. — Roger deu um aperto amigável nos ombros dela. — Quem é que é teu amigo, Dee?

Ela suspirou e revirou os olhos. — Tu, Roger.

— Tem cuidado com a Angela.

— Olha, eu sei que ela tem fama de ser temperamental...

— Ela tem fama de ser uma cabra de pedra.

Deanna afastou-se de Roger e destapou um frasco de creme hidratante para remover a maquilhagem pesada. Ela não gostava de ver os colegas de trabalho a falarem mal uns dos outros, competindo pela sua atenção, e não gostava de se sentir pressionada a escolher entre eles. Já tinha sido suficientemente difícil conciliar as suas responsabilidades na redacção e no plateau com os favores que fazia a Angela. E, afinal de contas, eram apenas favores. Feitos essencialmente fora das horas de trabalho.

— O que eu sei é que ela só tem sido amável para comigo. Ela gostou do meu trabalho no *Noticiário do Meio-dia* e na rubrica «Canto da Deanna» e ofereceu-se para me ajudar a refinar o meu estilo.

— Ela está a usar-te.

— Ela está a ensinar-me — corrigiu Deanna, pondo de lado discos de algodão usados. Os movimentos dela eram rápidos e eficazes. Ela acertava no centro do balde do lixo com a mesma consistência de um marcador de lances livres no basquetebol. — Há uma razão para a Angela ter o programa com maior audiência no mercado. Ter-me-ia levado anos a aprender os detalhes deste ramo e que aprendi com ela numa questão de meses.

— E achas realmente que ela vai partilhar uma fatia dessa tarte?

Ela fez beicinho porque, claro, queria uma fatia. Uma bem grande. *Egoísmo Saudável*, pensou ela, rindo para dentro. — Não é que eu esteja a competir com ela.

— Ainda não. — Mas ele sabia que era o que acabaria por acontecer. Espantava-o o facto de Angela não ter detectado o brilho de ambição nos olhos de Deanna. Mas também, pensou ele, o ego cegava muitas vezes. Ele tinha motivos para o saber. — Apenas um conselho de amigo: não lhe dê munições. — Estudou-a uma última vez enquanto ela se maquilhava para sair. Deanna podia ser ingénua, reflectiu ele, mas era também teimosa. Ele podia ver isso na inclinação dos lábios e no ângulo do queixo. — Tenho uns especiais para gravar. — Deu-lhe um pequeno puxão nos cabelos. — Até amanhã.

— Tchau. — Assim que ficou sozinha, Deanna começou a bater com o lápis de olhos no tampo da mesa de maquilhagem. Ela não descontava tudo o que Roger dizia. Por ser uma perfeccionista, porque exigia, e recebia, o melhor para o seu programa, Angela Perkins tinha fama

de ser dura. E valia a pena, certamente. Há seis anos no ar, o *Programa da Angela* estava no topo das audiências há mais de três.

Como tanto o *Programa da Angela* como o *Noticiário do Meio-dia* eram gravados nos estúdios da CBC, Angela pudera exercer um pouco de pressão para libertar algum do tempo de Deanna.

Também era verdade que Angela só tinha sido amável para Deanna. Ela mostrara a Deanna uma amizade e uma disponibilidade em partilhar que eram raras no mundo altamente competitivo da televisão.

Seria ingenuidade confiar em amabilidade? Deanna não pensava assim. Nem era tola ao ponto de acreditar que a amabilidade fosse sempre recompensada.

Pensativamente, pegou na escova marcada com o seu nome e passou-a pelo cabelo negro que tocava os ombros. Sem a cobertura de uma pesada maquiagem teatral, necessária para as luzes e para as câmaras, a sua pele era tão elegantemente clara como porcelana, um contraste dramático com a juba escura e os olhos cinzentos e ligeiramente rasgados. Para acrescentar mais um toque de drama, ela pintara os lábios de rosa-forte.

Satisfeita, apanhou o cabelo num rabo-de-cavalo com dois rápidos movimentos de pulso.

Ela nunca planeara competir com Angela. Embora esperasse vir a usar o que aprendera para dar um empurrão na própria carreira, o que ela queria era um dia ter um lugar próprio na estação. Talvez uma participação no *20/20*. E não estava fora do seu pensamento poder expandir a rubrica semanal «Canto da Deanna» nas notícias do meio-dia para um programa de entrevistas independente. Até isso dificilmente competiria com Angela, a rainha do mercado.

Os anos noventa estavam abertos a todo o tipo de estilos e programas. Se ela fosse bem sucedida, seria porque tinha aprendido com a professora. Ela sempre seria grata a Angela por isso.

\*

— **S**e o filho da mãe acha que eu vou dançar consoante a música dele, vai ter uma desagradável surpresa. — Angela Perkins olhava para o reflexo do seu produtor no espelho do camarim. — Ele concordou vir ao programa para promover o novo álbum. Olho por olho, Lew. Vamos dar-lhe exposição nacional, por isso ele vai mesmo ter de responder a

algumas perguntas sobre as acusações de fuga ao fisco que lhe estão a ser feitas.

— Ele não disse que não ia responder, Angela. — A dor de cabeça por detrás dos olhos de Lew McNeil ainda era suficientemente incomodativa para que ele desejasse que passasse. — Ele só disse que não poderá dar pormenores enquanto o caso estiver a ser investigado. Ele gostava que te concentrasses na carreira dele.

— Eu não estaria onde estou se deixasse um convidado mandar no meu programa, pois não? — Ela praguejou novamente e depois girou na cadeira para rosnar à cabeleireira. — Puxa-me outra vez o cabelo, querida, e vais apanhar rolos com os dentes!

— Desculpe, Senhorita Perkins, mas o seu cabelo está realmente demasiado curto...

— Faz o que tens a fazer! — Angela olhou-se novamente no espelho e relaxou propositadamente os traços. Ela sabia o quão importante era relaxar os músculos faciais antes de um programa, por mais alta que estivesse a adrenalina. A câmara captava todas as linhas e rugas, como uma velha amiga com que uma mulher se encontra para almoçar. Por isso respirou profundamente, fechando os olhos por um momento num sinal para o produtor se calar. Quando os abriu de novo, estavam límpidos, um azul brilhante como diamante rodeado de pestanas de seda.

E sorriu quando a cabeleireira lhe puxou o cabelo para trás e para cima num ondulado halo louro. Dava-lhe uma boa aparência, decidiu Angela. Sofisticada, mas não ameaçadora. Chique, mas não estudada. Verificou o estilo de todos os ângulos antes de acenar com a cabeça em concordância.

— Está ótimo, Marcie. — Abriu o poderoso sorriso que fez a cabeleireira esquecer a ameaça anterior. — Sinto-me dez anos mais jovem.

— Está maravilhosa, Senhorita Perkins.

— Obrigada. — Relaxada e satisfeita, começou a brincar com as pérolas de marca que tinha em volta do pescoço. — E como é que é o novo homem da tua vida, Marcie? Está a tratar-te bem?

— É maravilhoso. — Marcie sorriu enquanto aplicava uma generosa quantidade de laca no cabelo para segurar o penteado. — Acho que pode ser o tal.

— Bom para ti. Se ele te causar problemas, avisa-me. — Piscou o olho. — Eu endireito-o.



Com uma gargalhada, Marcie recuou. — Obrigada, Senhorita Perkins. Boa sorte para esta manhã.

— Hum-hum. Agora, Lew. — Ela sorriu e levantou uma mão para segurar na dele. O aperto era encorajador, feminino, amigável. — Não te preocupes com nada. Mantém apenas o nosso convidado feliz até entrarmos no ar. Eu cuido do resto.

— Ele quer a tua palavra, Angela.

— Querido, dá-lhe aquilo que ele quiser. — Ela riu; a dor de cabeça de Lew transformou-se em agonia pura. — Não te preocupes tanto. — Angela chegou-se à frente para tirar um cigarro do maço de *Virginia Slims* que estava em cima do tocador. Acendeu um isqueiro dourado com o seu monograma, um presente do segundo marido. Bufou um fino fio de fumo.

Lew estava a amolecer, pensou ela, tanto pessoal como profissionalmente. Embora ele usasse fato e gravata, como era exigido pelo *dress code* dela, os ombros estavam descaídos como se estivessem a ser puxados para baixo pelo peso cada vez maior da barriga. Angela reparou também que o cabelo estava a ficar mais ralo e que já tinha muitos fios cinzentos. O seu programa era conhecido pela energia e velocidade. Ela não gostava que o seu produtor parecesse um velhote anafado.

— Depois destes anos todos, já devias confiar em mim, Lew.

— Angela, se atacaes o Deke Barrow, vais arranjar-nos problemas em conseguir outras celebridades.

— Isso é treta. Há seis ansiosas por participar no meu programa. Elas querem que eu publicite os seus filmes, os especiais de TV, os livros e os discos, e querem sem dúvida que eu publicite as suas vidas amorosas. Elas precisam de mim, Lew, porque sabem que todos os dias eu tenho uma audiência de milhões de pessoas. — Sorriu para o espelho, e o rosto que viu reflectido era encantador, composto, polido. — E elas querem ver-me a mim.

Lew trabalhava com Angela há mais de cinco anos e sabia exactamente como resolver uma disputa: adulando-a. — Ninguém está a negar isso, Angela. Tu és o programa. Só acho que devias levar as coisas com calma com o Deke. Ele já está na música country há muito tempo, e este regresso tem muitos sentimentos envolvidos.

— Deixa o Deke comigo. — Ela sorriu por detrás de uma nuvem de fumo. — Serei muito sentimental.

Angela pegou nos cartões de notas que Deanna tinha acabado de organizar às sete da manhã. Foi um gesto para que ele se retirasse, o que fez Lew abanar a cabeça. O sorriso de Angela alargava à medida que ela ia passando os olhos pelas notas. A miúda era boa, pensou. Muito boa, muito minuciosa.

Muito útil.

Angela deu mais uma passa contemplativa no cigarro antes de o esmagar no pesado cinzeiro de cristal que estava sobre o tocadour. Como sempre, cada frasco, cada escova, cada tubo estava alinhado numa ordem meticulosa. Havia uma jarra com duas dúzias de rosas vermelhas, que eram compradas todas as manhãs, e um pequeno prato com pastilhas de hortelã-pimenta multicoloridas que Angela adorava.

Ela dava-se bem com a rotina, em ser capaz de controlar o seu ambiente, incluindo as pessoas que a rodeavam. Todos tinham o seu lugar. Ela estava a gostar de criar um para Deanna Reynolds. Algumas pessoas poderiam achar estranho que uma mulher perto dos quarenta, uma mulher vaidosa, tivesse contratado uma mais jovem e bonita que, com o tempo, experiência e ilusão se tornara uma bela mulher. E ela não temia a idade. Não num mundo onde podia tão facilmente ser combatida.

Ela queria Deanna por causa da sua boa aparência, do talento e da juventude. Principalmente, porque o poder sentia o cheiro de poder.

E pela simples razão de que gostava da rapariga.

Oh, ela daria alguns pedacitos de conselho a Deanna, alguma crítica amigável, algumas palavras de enaltecimento e, talvez, a seu tempo, de algum mérito. Mas não tinha intenção de permitir que alguém que ela pressentia como um potencial competidor saísse em liberdade. Ninguém se libertava de Angela Perkins.

Angela tinha dois ex-maridos que tinham aprendido exactamente isso. Eles não se tinham libertado. Tinham sido despachados.

— Angela?

— Deanna. — Angela acenou com a mão num gesto de boas-vindas. — Estava mesmo a pensar em ti. As tuas notas estão maravilhosas. Vão contribuir bastante para o programa.

— Fico contente por poder ajudar. — Deanna levantou uma mão para brincar com o brinco da orelha esquerda, um sinal de hesitação que tinha ainda de aprender a controlar. — Angela, sinto-me pouco à vontade em pedir-te isto, mas a minha mãe é uma grande fã do Deke Barrow.

— E tu querias um autógrafo.

Depois de um sorriso rápido e envergonhado, Deanna mostrou o CD que tinha escondido atrás das costas. — Ela iria adorar se ele pudesse autografar isto.

— Deixa comigo. — Angela batucou com uma unha perfeitamente arranjada na caixa do CD. — E como é que se chama a tua mãe, Dee?

— Marilyn. Agradecia-te imenso, Angela.

— É um prazer, querida. — Esperou um segundo. O seu timing sempre fora excelente. — Ah, e há um pequeno favor que me podias fazer.

— Claro.

— Podias fazer-me uma reserva para dois para jantar esta noite no La Fontaine, às sete e meia? Eu pura e simplesmente não tenho tempo para tratar pessoalmente disso, e esqueci-me de dizer à minha secretária para o fazer.

— Não tem problema. — Deanna tirou um bloco de apontamentos do bolso para tomar nota.

— És um tesouro, Deanna. — Angela levantou-se então para verificar uma última vez o fato azul-claro num espelho alto. — O que achas desta cor? Não é muito desmaiada, é?

Como ela sabia que Angela se afligia com todos os detalhes do programa, desde a pesquisa até ao calçado apropriado, Deanna demorou o tempo suficiente para um estudo sério. O cair suave do tecido assentava lindamente na figura compacta e cheia de curvas de Angela. — Atrevidamente feminino.

A tensão nos ombros de Angela desapareceu. — Perfeito, então. Vais ficar para a gravação?

— Não posso. Ainda tenho artigos para rever para o *Noticiário do Meio-dia*.

— Oh... — A irritação veio à superfície, mas apenas por breves instantes. — Espero que o facto de estares a ajudar-me não te tenha atraído.

— O dia tem vinte e quatro horas — disse Deanna. — Eu gosto de usá-las todas. Agora, é melhor eu sair da tua frente.

— Tchau, querida.

Deanna saiu e fechou a porta. Toda a gente no edifício sabia que Angela insistia em ficar a sós nos últimos dez minutos que antecediam a

subida ao palco. Todos assumiam que ela utilizava esse tempo para rever as notas. Isso era um disparate, claro. Ela estava completamente preparada. Mas preferia que pensassem que estava a rever as suas informações. Ou até que a imaginassem a beber um gole da garrafa de brandy que guardava na mesinha de tocador.

Não que ela tocasse no brandy. A necessidade de o manter ali, mesmo ao alcance, aterrorizava tanto quanto confortava.

Ela preferia que acreditassem nalguma coisa, desde que não soubessem a verdade.

Angela Perkins passava aqueles últimos momentos solitários antes de cada gravação num agitado ciclo de pânico. Ela, uma mulher que exsudava uma imagem de suprema autoconfiança; ela, uma mulher que entrevistara presidentes, realeza, assassinos e milionários, sucumbia, como sempre, a um ataque violento de medo do palco.

Centenas de horas de terapia não haviam feito nada para aliviar os tremores, os suores, as náuseas. Completamente incapaz de lutar contra aquilo, deixou-se cair na cadeira e deixou-se arrastar. O espelho reflectia-a em triplicado, a mulher refinada, perfeitamente arranjada, imaculadamente apresentada. Os olhos vítreos com o terror da autodescoberta.

Angela pressionou as têmporas com as mãos e viajou na estonteante montanha-russa do medo. Naquele dia ela teria um deslize e eles escutariam o sertão do Arkansas na sua voz. Veriam a menina que fora mal-amada e indesejada por uma mãe que tinha preferido as imagens oscilantes no ecrã corroído do minúsculo *Philco* à sua própria carne e sangue. A menina que tanto quisera atenção, tão desesperadamente, que se imaginara dentro daquele televisor para que a mãe focasse aqueles olhos confusos e bêbados pelo menos uma vez e olhasse para ela.

Veriam a menina vestida com roupas em segunda mão e com sapatos que não lhe serviam e que tanto estudara para conseguir tirar notas razoáveis.

Veriam que ela não era nada, ninguém, uma fraude que fizera bluff para conseguir entrar no mundo televisivo da mesma forma que o pai fazia bluff num jogo de póquer.

E ririam dela.

Ou pior, desligá-la-iam.

O bater na porta fê-la estremecer.

— Estamos a postos, Angela.

Ela respirou fundo. — Vou já. — A sua voz estava perfeitamente normal. Ela era um ás no fingimento. Durante mais alguns segundos, fitou a sua imagem no espelho, observando o pânico desaparecer-lhe dos olhos.

Ela não ia falhar. Nunca iriam rir dela. Nunca a iriam ignorar. E ninguém veria aquilo que ela não permitisse. Levantou-se, saiu do camarim e percorreu o corredor.

Tinha ainda de ver o convidado e passou pela porta da sala verde sem pestanejar. Ela nunca falava com um convidado antes de a gravação ter começado.

O seu produtor estava a aquecer a audiência do estúdio. Havia um burburinho de excitação por parte daqueles suficientemente sortudos para terem conseguido bilhetes para a gravação. Marcie, oscilando em cima de saltos de dez centímetros, apressou-se para uma verificação de última hora ao cabelo e maquilhagem. Uma pesquisadora passou mais alguns cartões a Angela. Angela não falou com nenhuma das duas.

Quando subiu ao palco, o burburinho transformou-se num aplauso ruidoso.

— Bom-dia. — Angela sentou-se na sua cadeira e deixou os aplausos inundarem o estúdio enquanto lhe punham o microfone. — Espero que estejam todos preparados para um grande programa. — Passou os olhos pelo público enquanto falava e ficou satisfeita com o perfil demográfico. Era uma boa mistura de idades, sexo e raça — um visual importante para as panorâmicas da câmara. — Há alguém aqui que seja fã de Deke Barrow?

Ela riu com vontade com a chuva de aplausos que se seguiu. — Eu também — disse ela, embora detestasse música country. — Eu diria que vamos todos deleitar-nos.

Acenou com a cabeça, recostou-se, cruzou as pernas e entrelaçou as mãos sobre o braço da cadeira. A luz vermelha da câmara acendeu. A música da introdução começou a soar no ar.

— «Lost Tomorrows», «That Green-Eyed Girl» e «One Wild Heart». Estes são apenas alguns dos sucessos que transformaram o convidado de hoje numa lenda. Ele faz parte da história da música country há mais de vinte e cinco anos, e o seu corrente álbum, «Lost in Nashville», está a subir nas tabelas. Por favor, uma salva de palmas para Deke Barrow.

Os aplausos ressoaram novamente quando Deke subiu para o palco. De peito largo, com têmporas grisalhas visíveis debaixo do chapéu de feltro negro, Deke sorriu para a assistência antes de aceitar o caloroso aperto de mão de Angela. Ela recuou, deixando-o saborear o momento.

Parecendo totalmente encantada, Angela juntou-se à ovação da audiência de pé. No final do programa, Deke sairia do palco a cambalear, pensou ela. E nem sequer saberia o que lhe tinha acertado.

\*

Angela esperou até à segunda parte do programa para atacar. Como uma boa anfitriã, tinha lisonjeado o convidado, ouvido atentamente as suas anedotas e rido das suas piadas. Agora Deke estava deliciado enquanto Angela segurava no microfone para fãs excitadas que se levantavam para colocar questões. Ela aguardava, astuta como uma cobra.

— Deke, será que vai passar por Danville, no Kentucky, na sua tournée? É a minha terra natal — perguntou uma ruiva corada.

— Bem, de momento não sei dizer-lhe. Mas vamos estar em Louisville no dia dezassete de Junho. Diga aos seus amigos para aparecerem.

— A digressão *Lost in Nashville* vai mantê-lo na estrada durante alguns meses — começou Angela. — Isso é duro para si, não é?

— Mais duro do que costumava ser — respondeu ele com uma piscadela de olho. — Já não tenho vinte anos. — Ergueu e abriu as grandes mãos. — Mas tenho de confessar que adoro. Cantar num estúdio de gravação não tem comparação com o que se sente quando se canta para as pessoas.

— E a tournée tem sido até agora um sucesso. Então não tem qualquer fundamento o rumor de que possivelmente terá de a encurtar devido a problemas com o IRS?

O sorriso simpático desvaneceu. — Não, senhora. Vamos levá-la até ao fim.

— Tenho a certeza de que falo por todos aqui presentes quando digo que tem o nosso apoio nesta questão. Evasão fiscal. — Angela revirou os olhos em sinal de incredulidade. — Até parece que é o Al Capone!

— Não posso realmente falar sobre isso. — Deke arrastou os pés e alargou o nó da gravata. — Mas ninguém lhe está a chamar evasão fiscal.

— Oh! — Ela arregalou os olhos. — Desculpe. O que é que lhe estão a chamar?

Ele moveu-se desconfortavelmente na cadeira. — É uma questão com impostos atrasados.

— «Questão» é uma palavra demasiado suave. Percebo que não possa discutir isto enquanto o assunto está a ser investigado, mas penso que é um ultraje. Um homem como o senhor, que trouxe prazer a milhões, durante duas gerações, estar perante uma potencial ruína financeira porque os seus livros não estavam na mais perfeita ordem.

— Não é assim tão mau...

— Mas teve de pôr à venda a sua casa de Nashville. — A voz dela pingava compaixão. Os olhos brilhavam em consonância. — Eu acho que o país que tem celebrado na sua música deveria mostrar mais compaixão, mais gratidão. Não acha?

Ela tocara no ponto certo.

— Parece que o cobrador de impostos não tem muito a ver com o país sobre o qual tenho cantado nos últimos vinte e cinco anos. — A boca de Deke contraiu, os olhos endureceram como ágatas. — Eles só vêem dólares. Não pensam no quanto um homem trabalhou. Quanto suou para ser alguém. Só nos exploram até a maior parte do que é nosso passar a ser deles. Transformam homens honestos em mentirosos e aldrabões.

— Não está a dizer que fez aldrabice nos seus impostos, pois não, Deke? — Angela sorriu com franqueza quando ele petrificou. — Voltamos dentro de momentos — disse ela para a câmara, e esperou até a luz vermelha apagar. — Estou certa de que a maioria de nós já foi espremida pelo IRS, Deke. — Voltando as costas para ele, levantou as mãos. — Estamos com ele, não estamos público?

Seguiu-se uma explosão de aplausos e de palavras de encorajamento que nada fizeram para apagar a expressão de choque da cara de Deke.

— Não posso falar sobre o assunto — conseguiu ele dizer. — Posso beber um pouco de água?

— Vamos encerrar o assunto, não se preocupe. Vamos ter tempo para mais algumas questões. — Angela virou-se novamente para o público enquanto uma assistente se apressava a levar um copo de água a Deke. — Tenho a certeza de que seria do seu agrado se evitássemos mais discussão sobre este tema sensível. Vamos dar-lhe bastantes aplausos quando regressarmos do intervalo e dar-lhe algum tempo para se recompor.

Com aquela demonstração de apoio e empatia, ela virou-se novamente para a câmara. — Está de novo com o *Programa da Angela*. Temos tempo para mais algumas perguntas, mas a pedido de Deke vamos encerrar qualquer discussão sobre a sua situação fiscal, já que ele não pode defender-se livremente enquanto o caso estiver sob investigação.

E, claro, quando encerrou o programa alguns momentos depois, era precisamente esse o assunto na mente de todos os espectadores.

Angela não se demorou junto do público, juntando-se a Deke no palco. — Foi um programa maravilhoso. — Pegou firmemente na mão flácida dele. — Muito obrigada por ter vindo. E muito boa sorte.

— Obrigado. — Completamente em choque, ele começou a assinar autógrafos até a assistente de produção o conduzir para fora do palco.

— Arranja-me uma cassete — ordenou Angela enquanto seguia a passos largos para o camarim. — Quero ver a última parte. — Dirigiu-se directamente ao espelho e sorriu para o próprio reflexo.

## 2.

Deanna detestava fazer reportagens sobre tragédias. Intelectualmente, ela sabia que era seu dever enquanto jornalista transmitir as notícias e entrevistar aqueles que haviam sido atingidos. Ela acreditava, sem qualquer hesitação, no direito do público em ser informado. Mas, emocionalmente, sempre que apontava um microfone em direcção ao sofrimento, sentia-se como a pior espécie de voyeur.

— O tranquilo subúrbio de Wood Dale foi esta manhã cenário de uma tragédia súbita e violenta. A polícia suspeita que uma discussão doméstica tenha resultado na morte de Lois Dossier, trinta e dois anos, uma professora do ensino básico e natural de Chicago. O seu marido, Dr. Charles Dossier, foi detido pelas autoridades. Os dois filhos do casal, de cinco e sete anos de idade, estão ao cuidado dos avós maternos. Pouco depois das oito da manhã, este lar tranquilo e próspero irrompeu em tiroteio.

Deanna acalmou-se enquanto a câmara fazia uma panorâmica da habitação de dois andares atrás dela. Continuou a fazer a reportagem, olhando directamente para a lente da câmara, ignorando a multidão que se juntava, as outras equipas de jornalistas que faziam os seus pontos de situação e a doce brisa que transportava o aroma pungente de jacintos.



A sua voz estava firme, adequadamente indiferente. Mas os olhos estavam cheios de emoção.

— Às oito e quinze da manhã, a polícia respondeu a participações de tiroteio e Lois Dossier foi declarada morta no local. De acordo com os vizinhos, a Sra. Dossier era uma mãe dedicada que participava activamente em projectos da comunidade. Ela era querida e respeitada na vizinhança. Entre os amigos mais chegados, conta-se a vizinha Bess Pierson, que avisou a polícia do que se estava a passar. — Deanna virou-se para a mulher que estava ao seu lado vestida com um fato-de-treino púrpura. — Sra. Pierson, tinha conhecimento da existência de alguma violência no lar Dossier antes desta manhã?

— Sim... não. Nunca pensei que ele lhe pudesse fazer mal. Ainda me custa acreditar. — A câmara fez um zoom à cara inchada e banhada em lágrimas de uma mulher pálida com o choque. — Ela era a minha melhor amiga. Éramos vizinhas há seis anos. Os nossos filhos brincam juntos.

A mulher começou a chorar. Desprezando-se, Deanna agarrou na mão dela com a que tinha livre e continuou: — Conhecendo tanto Lois como Charles Dossier, concorda com a polícia no que diz respeito a esta tragédia ter resultado de uma discussão doméstica que se descontrolou?

— Não sei o que pensar. Eu sei que eles estavam com problemas conjugais. Havia discussões, gritos. — A mulher olhou para o vazio, traumatizada. — A Lois disse-me que queria que o Chuck fosse com ela a um conselheiro matrimonial, mas que ele se recusava. — Ela começou então a soluçar, tapando os olhos com uma mão. — Ele não queria ir, e agora ela está morta. Oh, Deus! Ela era como uma irmã para mim!

— Corta — disse Deanna bruscamente, e depois pôs um braço à volta dos ombros da Sra. Pierson. — Lamento. Lamento imenso. A senhora não devia estar aqui agora.

— Não paro de achar que é um sonho. Que não pode ser verdade.

— Há algum sítio para onde possa ir? Um amigo ou parente? — Deanna perscrutou o relvado bem cuidado apinhado de vizinhos curiosos e repórteres resolutos. Alguns metros à esquerda estava outra equipa a filmar. O repórter não parava de estragar os *takes*, rindo com a própria atrapalhão. — As coisas não vão acalmar por aqui durante um tempo.

— Pois. — Depois de um último soluço, a Sra. Pierson limpou os olhos. — Íamos esta noite ao cinema — disse ela, afastando-se em seguida.

— Meu Deus! — Deanna observou quando outros repórteres dirigiram os seus microfones em direcção à mulher em fuga.

— O teu coração sangra demasiado — comentou o operador de câmara.

— Cala-te, Joe. — Deanna conteve-se e respirou fundo. O seu coração podia ter estado a sangrar, mas ela não deixaria isso afectar o seu julgamento. O seu trabalho era dar informações claras e precisas e transmitir ao espectador imagens que causassem impacto.

— Vamos terminar isto. Queremos transmiti-lo no *Noticiário do Meio-dia*. Faz um zoom à janela do quarto e depois volta a mim. Certifica-te de que enquadras os jacintos e os narcisos e também o camião vermelho dos miúdos. Percebido?

Joe estudou o cenário com o boné dos White Sox empoleirado no seu crespo cabelo castanho puxado para baixo para fazer sombra nos olhos. Ele conseguia imaginar as imagens, cortadas, enquadradas, montadas. Semicerrou os olhos e acenou afirmativamente com a cabeça. Os músculos agruparam-se sob a camisola quando ele ergueu a câmara. — Estou pronto.

— Então em três, dois, um. — Ela esperou um pouco enquanto a câmara fechava o plano. — A morte violenta de Lois Dossier abalou esta comunidade pacífica. Enquanto os seus amigos e familiares perguntam porquê, o Dr. Charles Dossier foi detido provisoriamente. Deanna Reynolds em Wood Dale, para a CBC.

— Bom trabalho, Deanna. — Joe desligou a câmara.

— Sim, óptimo. — No caminho para a carrinha, pôs duas pastilhas antiácido na boca.

\*

A CBC usou novamente a gravação no noticiário da noite, com uma actualização sobre o local onde Dossier estava detido sob acusação de homicídio em segundo grau. Encolhida numa cadeira no seu apartamento, Deanna observou objectivamente quando o pivô passou da história principal para uma peça sobre um fogo num apartamento da zona sul.

— Boa peça, Dee. — Estendida no sofá estava Fran Myers. O cabelo ruivo encaracolado estava assimetricamente preso no cimo da cabeça. Ela tinha um rosto forte e atraente acentuado pelos olhos cor de avelã. A

voz era tipicamente Nova Jérсия. Ao contrário de Deanna, ela não cresceu numa casa tranquila dos subúrbios num bairro delimitado por árvores, mas num apartamento barulhento em Atlantic City, Nova Jérсия, com uma mãe duas vezes divorciada e um magote de meios-irmãos.

Fran bebericou *ginger ale* e depois apontou com o copo para o ecrã. O movimento foi tão preguiçoso como um bocejo. — Ficas sempre tão bem na televisão. O vídeo faz-me parecer um gnomo rechonchudo.

— Eu tinha de tentar entrevistar a mãe da vítima. — Enfiando as mãos nos bolsos das calças de ganga, Deanna levantou-se de um salto e começou a andar de um lado para o outro, irrequieta. — Ela não atendia o telefone, e, como uma boa repórter, pesquisei a morada. Mas também ninguém atendia a porta. As cortinas estavam corridas. Fiquei na rua com mais um grupo de pessoas da imprensa durante quase uma hora. Senti-me uma vampira.

— Já devias saber que os termos «vampiro» e «repórter» são intermutáveis. — Mas Deanna não sorriu. Fran reconheceu a culpa por detrás dos movimentos nervosos. Depois de pousar o copo, Fran apontou para a cadeira. — Ok, senta-te e ouve um conselho da Tia Fran.

— Não posso receber conselhos de pé?

— Não. — Fran agarrou na mão de Deanna e obrigou-a a sentar-se no sofá. Apesar dos contrastes de origens e estilos, eram amigas desde o primeiro ano de faculdade. Fran já vira muitas vezes Deanna fazer aquela guerra entre intelecto e emoção. — Ok. Pergunta número um: porque é que foste para Yale?

— Porque consegui uma bolsa.

— Não esfregues o teu cérebro na minha cara, Einstein. Para que é que tu e eu fomos para a faculdade?

— Tu foste para conheceres homens.

Fran semicerrou os olhos. — Esse foi apenas um benefício secundário. Pára de engonhar e responde à pergunta.

Derrotada, Deanna soltou um suspiro. — Fomos para estudar, para nos tornarmos jornalistas, para conseguirmos grandes ordenados e trabalhos importantes em televisão.

— Exactamente. E conseguimos?

— Mais ou menos. Temos os nossos diplomas. Eu sou uma repórter da CBC e tu uma assistente de produção no *Conversas de Mulher* na TV por cabo.

— Excelentes pontos de partida. Já te esqueceste do famoso Plano a Cinco Anos de Deanna Reynolds? Se assim é, tenho a certeza de que há uma cópia escrita naquela escrivadinha.

Deanna olhou para o seu orgulho e alegria, a única peça de mobiliário que adquirira desde que se mudara para Chicago. Conseguira a bonita escrivadinha *Queen Anne* patinada num leilão. E Fran tinha razão. Havia uma cópia escrita do plano de carreira de Deanna na gaveta de cima. Em duplicado.

Desde a faculdade ela já alterara um pouco os planos. Fran casara e fixara-se em Chicago e impelira a antiga companheira de quarto a ir até lá tentar a sorte.

— Ano Um — recordou Deanna. — Um trabalho à frente das câmaras em Kansas City.

— Já está.

— Ano Dois: um lugar na CBC, Chicago.

— Conseguído.

— Ano Três: um segmento próprio pequeno e agradável.

— O actual «Canto da Deanna» — disse Fran, brindando ao segmento com o *ginger ale*.

— Ano Quatro: fazer de pivô no noticiário da noite. Local.

— Que já fizeste, diversas vezes, como substituta.

— Ano Cinco: audições e currículos para o solo sagrado: Nova Iorque.

— Que nunca será capaz de resistir à tua combinação de estilo, atractividade para a câmara e sinceridade. A não ser, é claro, que continues a subestimar-te.

— Tens razão, mas...

— Nada de mas. — Fran foi decidida na afirmação e gastou alguma da energia que preferia armazenar pondo os pés sobre a mesinha de centro. — Tu és boa no que fazes, Dee. As pessoas falam contigo porque tens compaixão. Isso é uma vantagem num jornalista, não um defeito.

— Não me ajuda a dormir de noite. — Irrequieta e subitamente cansada, Deanna passou uma mão pelo cabelo. Depois de cruzar as pernas em cima do sofá, olhou pensativamente em redor.

Lá estava o raquítico conjunto de mesa e cadeiras que ela precisava de substituir, o tapete puído, a única poltrona sólida que ela tinha mandado forrar num tecido cinza-claro. Só a escrivadinha se destacava, brilhante, um testemunho de um sucesso parcial. Porém, tudo estava no

seu lugar: as poucas bugigangas que ela colecionara estavam ordenadas de modo preciso.

Aquele apartamento arrumado não era a casa dos seus sonhos, mas como Fran tinha salientado, era um excelente ponto de partida. E ela tinha toda a intenção de se lançar, tanto pessoal como profissionalmente.

— Lembras-te de, na faculdade, acharmos o quão excitante seria correr atrás de ambulâncias, entrevistar assassinos em série, escrever artigos concisos que prendessem a atenção do espectador? Bem, de facto, é. — Suspirando, Deanna levantou-se para andar de novo de um lado para o outro. — Mas nós pagamos realmente por essa emoção. — Parou por um momento, pegou numa pequena caixa de porcelana e pousou-a de novo. — A Angela deu a entender que bastava eu pedir e podia ser pesquisadora principal no programa dela, com nome no genérico e um aumento significativo no ordenado.

Como não queria influenciar a amiga, Fran contraiu os lábios e manteve o tom de voz neutro. — E estás a pensar nisso?

— Sempre que penso no assunto, lembro-me que estaria a desistir da câmara. — Com uma meia gargalhada, Deanna abanou a cabeça. — Ia sentir falta daquela luzinha vermelha. Percebes? A questão é essa. — Sentou-se no braço do sofá. Os seus olhos estavam de novo cintilantes e cheios de entusiasmo. — Não quero ser pesquisadora principal da Angela. Nem tenho já a certeza de querer ir para Nova Iorque. Acho que quero o meu próprio programa. Estar em cento e vinte mercados. Quero uma participação de vinte por cento nos lucros. Quero vir na capa da *TV Guia*.

Fran sorriu. — Então, o que é que te impede?

— Nada. — Mais confiante, agora que o dissera em voz alta, Deanna ajeitou-se, pousando os pés descalços sobre a almofada do sofá. — Talvez isso seja no Ano Sete ou Oito, ainda não decidi. Mas é uma coisa que quero e que posso fazer. Mas... — Suspirou. — Isso significa fazer reportagens sobre lágrimas e tormento até ser promovida.

— O Plano de Carreira Alongado de Deanna Reynolds.

— Exactamente. — Ela estava contente por Fran ter percebido. — Não achas que sou louca?

— Querida, eu acho que qualquer pessoa com a tua mente meticulosa, a tua presença no ecrã e a tua educada mas forte ambição consegue exactamente o que quer. — Fran meteu a mão na taça de amêndoas do-

ces que estava na mesinha e enfiou três na boca. — Só não te esqueças dos pobres quando isso acontecer.

— Como é que te chamas?

Fran atirou-lhe com uma almofada. — Ok, agora que temos a tua vida decidida, gostava de anunciar um aditamento à Saga *A Minha Vida Nunca é Aquilo Que Eu Estava À Espera* de Fran Myers.

— Foste promovida?

— Não.

— O Richard foi?

— Não, embora uma pequena participação na *Dowell & Fritz* possa estar para breve. — Inspirou profundamente. A tez clara de ruiva ruborizou como uma rosa. — Estou grávida.

— O quê? — Deanna pestanejou. — Grávida? A sério? — Rindo, deslizou no sofá para agarrar nas mãos de Fran. — Um bebé? Isso é maravilhoso! É incrível! — Deanna abraçou Fran com força e depois afastou-se repentinamente para estudar o rosto da amiga. — Não é?

— Podes crer que sim. Não estávamos a planear ter um filho antes de um ou dois anos, mas são precisos nove meses, certo?

— Acho que sim. Estás feliz. Posso ver isso. Só não consigo acreditar... — Calou-se e afastou-se de novo. — Meu Deus, Fran! Estás aqui há quase uma hora e só agora é que me estás a contar!

Toda cheia de si, Fran deu umas pancadinhas na barriga. — Queria tudo o resto fora do caminho para que pudesses concentrar-te em mim. Em nós.

— Sem problema. Tens tido enjoos matinais ou qualquer coisa do género?

— Eu? — Fran ergueu uma sobrancelha. — Com o meu estômago de ferro?

— Pois. O que é que o Richard disse?

— Antes ou depois de ter parado de dançar nas nuvens?

Deanna riu novamente e depois levantou-se de um salto para fazer uma pirueta. *Um bebé*, pensou. Tinha de planear uma festa para o bebé, comprar bonecos de peluche e títulos de poupança. — Temos de festejar!

— O que é que fazíamos na faculdade quando tínhamos de festejar alguma coisa?

— Comida chinesa e vinho branco barato — disse Deanna com um sorriso. — Perfeito, com o ajuste para leite sem álcool.

Fran piscou o olho e depois encolheu os ombros. — Acho que vou ter de me acostumar a isso. Mas tenho um favor a pedir-te.

— Diz.

— Trabalha nesse plano de carreira, Dee. Acho que gostava que o meu filho tivesse uma estrela como madrinha.

\*

Quando o telefone tocou às seis da manhã, Deanna acordou para uma ressaca. Segurando a cabeça com uma mão, pegou no auscultador com a outra.

— Reynolds.

— Deanna, querida, desculpa acordar-te.

— Angela?

— Quem mais seria suficientemente grosseiro para te ligar a esta hora? — O riso leve de Angela atravessou a linha enquanto Deanna olhava com dificuldade para o relógio. — Tenho um enorme favor para te pedir. Vamos gravar hoje e o Lew está de cama com uma virose.

— Lamento. — Valorosamente, Deanna clareou a voz e conseguiu sentar-se.

— Estas coisas acontecem. É só que nós hoje estamos a tratar de um assunto delicado, e quando pensei nisso, apercebi-me de que serias tu a pessoa perfeita para tratar dos convidados fora do palco. Essa é a área do Lew, como sabes, por isso estou mesmo de pés e mãos atados.

— E o Simon e a Maureen? — O seu cérebro podia estar turvo, mas Deanna lembrava-se da cadeia de comando.

— Nenhum dos dois se adequa a esta tarefa. O Simon faz pré-entrevistas excelentes pelo telefone, e só Deus sabe que a Maureen é uma jóia a tratar do transporte e do alojamento. Mas estes convidados requebrem um toque muito especial. O teu toque.

— Eu tinha todo o gosto em ajudar, Angela, mas tenho de estar na estação às nove.

— Eu tratava disso com o teu produtor, querida. Ele deve-me favores. O Simon pode tratar da segunda gravação, mas se conseguisses dar-me uma ajuda esta manhã, ficar-te-ia muito grata.

— Claro. — Deanna atirou o cabelo desgrenhado para trás e resignou-se com uma chávena de café rápida e um frasco de aspirina. — Desde que não haja conflito.

— Não te preocupes com isso. Ainda tenho influência no departamento de informação. Preciso de ti aqui às oito em ponto. Obrigada, querida.

— Certo, mas...

Ainda zonza, Deanna fitou o telefone quando surgiu o sinal de rede. Alguns detalhes tinham sido esquecidos, reflectiu ela. Que raio era o tema daquela manhã, e quem eram os convidados que precisavam de um cuidado tão especial?

\*

Deanna entrou na sala verde com um sorriso apreensivo no rosto e uma cafeteira de café acabado de fazer na mão. Já sabia qual era o tópico da conversa e examinou cuidadosamente os sete convidados como um soldado veterano inspeccionando um campo de minas.

Triângulos conjugais. Deanna inspirou profundamente. Dois casais e a outra mulher que quase destruíra os seus casamentos. Um campo de minas talvez fosse mais seguro.

— Bom-dia. — A sala permaneceu sinistramente silenciosa à excepção do burburinho do noticiário da manhã na televisão. — Chamo-me Deanna Reynolds. Sejam bem-vindos ao *Programa da Angela*. Posso servir-vos mais café?

— Obrigado. — O homem sentado numa cadeira ao canto ajeitou a pasta que tinha aberta sobre o colo e estendeu o copo. Dirigiu a Deanna um rápido sorriso iluminado pelo brilho divertido nos olhos castanho-claros. — Eu sou o Dr. Pike. Marshall Pike. — Baixou a voz enquanto Deanna enchia o copo. — Não se preocupe, eles estão desarmados.

Os olhos de Deanna encontraram os dele e pararam. — Mas têm dentes e unhas — sussurrou ela.

Ela sabia quem ele era, o perito da rubrica, um psicólogo que tentaria fechar aquela particular caixa de Pandora antes dos créditos finais do programa. Na casa dos trinta, calculou ela com a rápida perícia de um polícia ou de um jornalista. Confiante, relaxado, atraente. Conservador, a julgar pelo cabelo louro cuidadosamente penteado e fato bem cortado. Tinha as unhas arranjadas e o sorriso era simpático.

— Eu protejo-a — ofereceu ele — se me proteger a mim.

Ela sorriu também. — Combinado. Sr. e Sra. Forrester? — Deanna



parou quando o casal olhou para ela. A cara da mulher estava fixa numa careta ofendida, a do homem num embaraço miserável. — Vão primeiro... com a Senhorita Draper.

Lori Draper, a última porção do triângulo, cheia de entusiasmo. Parecia mais uma chefe de claqué enérgica pronta para executar um salto do que uma sedutora de homens. — O meu vestido está bom para a televisão?

Sob o resfolegar da Sra. Forrester, Deanna garantiu-lhe que sim. — Eu sei que o procedimento básico vos foi explicado na pré-entrevista. Os Forrester e a Senhorita Draper vão primeiro...

— Eu não me quero sentar ao lado dela — disse a Sra. Forrester por entre dentes.

— Isso não será problema...

— E também não quero que o Jim se sente ao lado dela.

Lori Draper revirou os olhos. — Meu Deus, Shelly! Já acabámos há meses! Achas que vou saltar para cima dele em frente às câmaras, ou quê?

— Não me admiraria com nada vindo de ti. — Shelly recolheu a mão quando o marido tentava dar-lhe umas palmadinhas. — Não vamos sentar-nos ao lado dela — disse ela a Deanna. — E o Jim também não vai falar com ela. Nunca.

Aquela afirmação avivou as brasas incandescentes no triângulo número dois. Antes que Deanna pudesse abrir a boca, todos começaram a falar ao mesmo tempo. Acusações e azedume encheram a sala. Deanna olhou para Marshall Pike e foi cumprimentada com o mesmo sorriso fácil e o erguer de um ombro elegante.

— Está bem — disse Deanna, numa voz esganiçada, quando se intrometeu na barafunda. — Estou certa de que todos têm razões válidas e alguma coisa para dizer. Porque não guardamos isso para o programa? Todos concordaram vir aqui esta manhã para contarem o vosso lado da história e procurar alguma solução. Tenho a certeza de que podemos chegar a um acordo quanto aos lugares.

Transmitiu o resto das instruções, controlando os convidados da mesma forma que uma educadora de infância controla miúdos recalcitrantes de cinco anos de idade. Com uma alegria determinada e pulso firme.

— Bem, Sra. Forrester... Shelly... Jim, Lori, venham comigo, por favor, para vos podermos instalar e colocar os microfones.

Dez minutos depois, Deanna regressou à sala verde, dando graças a Deus por não ter havido derramamento de sangue. Enquanto o triângulo restante olhava friamente para o ecrã do televisor, Marshall estava de pé a examinar minuciosamente um tabuleiro de bolinhos.

— Muito bem, Senhorita Reynolds.

— Obrigada, Dr. Pike.

— Marshall. — Escolheu um folhado de canela. — É uma situação complicada. Embora o triângulo estivesse tecnicamente quebrado quando a relação terminou, emocionalmente, moralmente, e até intelectualmente, ele mantém-se.

*Tem toda a razão*, pensou ela. Se alguém que ela amasse a traísse, seria essa pessoa a ficar desfeita — em todos os sentidos. — Presumo que lide com situações similares no seu consultório.

— Muitas vezes. Decidi especializar-me na área depois do meu próprio divórcio. — O sorriso dele era doce e acanhado. — Por motivos óbvios. — Olhou para as mãos dela, reparando que ela usava um só anel: uma granada num anel de ouro antigo na mão direita. — Não está à procura de um serviço da minha especialidade?

— De momento, não. — Marshall Pike era bastante atraente, pensou ela. O sorriso encantador, a estrutura alta e esbelta que fazia até Deanna, que perfazia um metro e setenta e cinco de altura de saltos altos, inclinar a cabeça para cima para ver o interesse lisonjeador nos profundos olhos castanhos. Mas naquele momento ela precisava de concentrar a maioria da atenção no grupo taciturno atrás dele.

— O programa vai começar já a seguir a este anúncio. — Deanna apontou para o plateau. — Marshall, não vai entrar antes dos últimos vinte minutos, mas ajudaria se assistisse ao programa para formular conselhos específicos.

— Naturalmente. — Ele gostava de olhar para ela, a forma como ela rodava em ponto morto. Ele quase conseguia ouvir o acelerador da energia dela. — Não se preocupe. Já participei três vezes no *Programa da Angela*.

— Ah, um veterano. Precisa que lhe vá buscar alguma coisa?

Os olhos dele deslizaram para o trio atrás e depois regressaram para os de Deanna. — Um colete à prova de balas?

Ela riu baixinho e deu-lhe um apertão no braço. Ele não ia ter problemas, percebeu. — Vou ver o que posso fazer.

O programa revelou-se emotivo, e embora tivessem sido trocadas acusações amargas, ninguém ficou seriamente ferido. Fora do ar, Deanna admirava a forma como Angela mantinha uma mão leve nas rédeas, permitindo que os convidados seguissem o seu próprio caminho e depois pondo-lhes travão quando os ânimos ameaçavam exaltar-se.

Ela também conduzia a assistência. Com um instinto infalível, oferecia o microfone à pessoa certa no momento exacto e depois seguia suavemente para uma questão ou comentário apropriados.

Quanto ao Dr. Pike, não podiam ter escolhido um mediador mais habilidoso, pensou Deanna. Ele exsudava a combinação perfeita de intelecto e compaixão, misturado com o conselho conciso tão necessário para o ambiente.

Quando o programa terminou, os Forrester estavam de mãos dadas. O outro casal deixara de se falar. E as duas *outras mulheres* conversavam como velhas amigas.

Angela acertara em cheio novamente.

\*

— **D**ecidiste fazer-nos companhia, Deanna? — Roger beliscou-lhe o braço quando apareceu ao lado dela.

— Eu sei que vocês não podem passar sem mim. — Deanna avançou pela barulhenta sala de redacção em direcção à sua mesa. Os telefones tocavam, os teclados estrepitavam. Numa parede, programas da CBC e das outras três cadeias passavam em monitores. Pelo cheiro, alguém entornara café recentemente. — Qual é a notícia principal? — perguntou a Roger.

— O fogo de ontem à noite na zona sul.

Com um aceno de cabeça, Deanna sentou-se à secretária. Ao contrário da maioria dos outros repórteres, ela mantinha a dela meticulosamente organizada. Lápis afiados enfiados de ponta para baixo num recipiente de cerâmica em forma de flor, um bloco de notas alinhado ao lado deles. A agenda estava aberta no dia em curso.

— Fogo posto?

— É o consenso geral. Eu tenho a cópia. Temos uma entrevista gravada com o comandante dos bombeiros e um exterior ao vivo no local. — Roger ofereceu-lhe o seu saco de gomas. — E como sou um tipo simpático, fui buscar o teu correio.

— Estou a ver. Obrigada.

— Apanhei uns minutos do *Programa da Angela* esta manhã. — Mastigou alegremente os doces. — Discutir adultério tão cedo não enervava as pessoas?

— Dá-lhes tema de conversa para o almoço. — Ela pegou num abre-cartas de ébano e abriu o primeiro envelope.

— Expondo-se na televisão pública?

Ela levantou uma sobranceira. — Expor-se na televisão pública pareceu ter ajudado o relacionamento dos Forrester.

— A mim pareceu-me que o outro casal saiu dali para o divórcio.

— Às vezes o divórcio é a resposta.

— É isso que pensas? — perguntou ele com delicadeza. — Se o teu marido te estivesse a enganar, perdoavas e esquecias ou assinavas os papéis?

— Bem, ouvia-o, discutia o assunto, tentava descobrir o motivo da traição. Depois enchia o porco adúltero de balas. — Sorriu para ele. — Mas isso sou eu. E, estás a ver? Não nos deu tema de conversa? — Olhou para baixo para a folha que tinha na mão. — Eh! Olha para isto!

Inclinou a folha para que ambos pudessem ler. No centro do papel, escrito a tinta vermelha, estava uma única frase:

#### AMO-TE DEANNA.

— O velho admirador secreto, hum? — Roger falou descontraidamente, mas havia preocupação nos seus olhos.

— Parece que sim. — Curiosa, Deanna virou o envelope. — Não tem remetente. E também não tem selo.

— Eu acabei de ir buscar o teu correio. — Roger abanou a cabeça. — Alguém a deve ter posto na tua caixa.

— Acho que até é querido. — Ela sentiu um breve arrepio nos braços e riu. — E sinistro.

— Talvez fosse melhor perguntares por aqui, ver se alguém reparou nalguma pessoa de volta da tua caixa de correio.

— Não é importante. — Deanna atirou carta e envelope para o lixo e pegou no seguinte.

— Desculpe.

— Oh, Dr. Pike. — Deanna pousou a correspondência e sorriu para o homem que estava atrás de Roger. — Perdeu-se na saída?

— Não. Na verdade, disseram-me que a poderia encontrar aqui.  
— Dr. Marshall Pike, Roger Crowell.  
— Sim, eu reconheci-o. — Marshall estendeu uma mão. — Vejo-vos aos dois com frequência.

— Eu também acabei de ver parte da sua participação. — Roger enfiou o saco de doces no bolso. Os seus pensamentos ainda estavam centrados na carta, e ele prometeu a si próprio que a tiraria do lixo assim que lhe fosse possível. — Precisamos de um artigo sobre a exposição canina, Dee.

— É para já.

— Foi um prazer conhecê-lo, Dr. Pike.

— Igualmente. — Marshall voltou-se novamente para Deanna quando Roger se afastou. — Queria agradecer-lhe por ter mantido as coisas sãs esta manhã.

— É uma das coisas que faço melhor.

— Vou ter de concordar. Sempre achei que transmite as notícias com uma compaixão consciente. É uma combinação notável.

— E um elogio notável. Obrigada.

Marshall olhou em volta da sala de redacção. Dois jornalistas discutiam amargamente sobre basebol, os telefones tocavam estridentemente, um estagiário empurrava um carrinho cheio de pastas pelos espaços estreitos entre secretárias. — Lugar interessante.

— É verdade. Teria todo o gosto em levá-lo numa visita guiada, mas tenho artigos para escrever para o *Noticiário do Meio-dia*.

— Então tiro bilhete para a próxima. — Olhou outra vez para ela com aquele sorriso agradável e doce nos cantos da boca. — Deanna, como estivemos juntos nas trincheiras, por assim dizer, estava com esperança de que estivesse disposta a jantar comigo.

— Jantar. — Ela examinou-o então com mais atenção, como faz uma mulher quando um homem deixa de ser simplesmente um homem e se transforma numa possível relação. Teria sido tolice fingir que ele não a atraía. — Sim, acho que estou disposta a isso.

— Esta noite? Por volta das sete e meia?

Ela hesitou. Raramente era impulsiva. Ele era um profissional, pensou ela. Boas maneiras, olhar sedutor. E, mais importante, demonstrara tanto inteligência como sensibilidade sob pressão. — Claro. — Tirou uma folha do bloco de notas e anotou o endereço dela.

### 3.

— **A** seguir, no *Noticiário do Meio-dia*, a história de uma mulher que abriu a sua casa e o coração às crianças desfavorecidas de Chicago. E também as últimas sobre desporto com Les Ryder e a previsão do tempo para o fim-de-semana com Dan Block. Junte-se a nós ao meio-dia.

Assim que a luz vermelha apagou, Deanna desprendeu o micro e levantou-se da mesa do estúdio. Tinha artigos para terminar e uma entrevista telefónica marcada, e ainda precisava de rever as anotações para o «Canto da Deanna» seguinte. Durante as duas semanas em que tinha substituído Lew, tinha dedicado mais de cem horas seguidas ao trabalho.

Atravessou as portas do estúdio, e estava a meio caminho da redacção quando Angela a interceptou.

— Querida, tu só tens duas velocidades. Parada e a mexer.

Deanna só parou porque Angela lhe bloqueou a passagem.

— E neste momento estou a mexer. Estou cheia de trabalho.

— Eu nunca te vi a não teres tudo feito a horas. — Para a manter no sítio, Angela pousou uma mão no braço dela. — E isto só demora um minuto.

Deanna estava impaciente. — Podes até ter dois, se conversarmos em movimento.

— Ok. — Angela virou-se e acertou o passo pelo de Deanna. — Tenho um almoço de negócios dentro de uma hora, por isso também estou um pouco atada. Preciso de um pequenino favor.

— Está bem. — Com o pensamento já no trabalho, Deanna entrou na sala de redacção e dirigiu-se à sua mesa. Os seus papéis estavam empilhados de acordo com a prioridade: os apontamentos exactos a serem transcritos e desenvolvidos em artigo, a lista de perguntas para o entrevistado e os cartões para o «Canto da Deanna». Ligou o computador e digitou a *password* enquanto esperava que Angela se explicasse.

Angela demorou um pouco. Não ia à redacção há meses, talvez mais, já que os seus gabinetes e estúdio se localizavam no que os empregados da CBC chamavam «a Torre», uma torre branca estreita que se projectava do edifício. Era uma forma pouco subtil de separar os programas nacionais e não-informativos dos regionais.

— Vou dar uma pequena festa amanhã à noite. O Finn Riley deve chegar de Londres esta tarde e eu pensei dar-lhe uma pequena recepção.

— Hum-hum. — Deanna já estava a tratar da notícia de abertura.

— Desta vez ele esteve fora tanto tempo, e depois daquela coisa desagradável no Panamá, antes de ele ter regressado ao seu lugar em Londres, achei que ele merecia algum descanso e diversão.

Deanna não tinha a certeza que uma guerra pequena e sangrenta devesse ser chamada de «coisa desagradável», mas acenou afirmativamente com a cabeça.

— Já que é tudo tão repentino, preciso de ajuda para organizar as coisas: o catering, as flores, a música... e, claro, a própria festa. Para ter a certeza de que tudo corre sem incidentes. A minha secretária não consegue tratar de tudo e eu quero mesmo que saia perfeito. Se me pudesses dispensar umas horas hoje à tarde... e amanhã, claro.

Deanna lutou contra a sensação de má-vontade e obrigação. — Angela, adorava poder ajudar-te, mas estou ocupada.

O sorriso persuasivo de Angela não se alterou, mas os olhos gelaram. — Não estás marcada para sábado.

— Não, não aqui... embora esteja de serviço. Mas tenho planos. — Deanna começou a batucar com um dedo nas anotações. — Um encontro.

— Entendo. — A mão de Angela dirigiu-se ao colar de pérolas, onde os dedos começaram a esfregar uma esfera lisa e brilhante. — O que se diz é que tens andado muito com o Dr. Marshall Pike.

O noticiário da noite podia trabalhar com factos e informações verificadas, mas Deanna sabia que as redacções e os estúdios de televisão trabalhavam com mexericos. — Saímos algumas vezes nos últimos quinze dias.

— Bem, eu não me queria meter... e espero que não me interpretes mal, Dee. — Para acrescentar intimidade à frase, Angela apoiou uma coxa na mesa de Deanna. — Achas mesmo que ele faz o teu tipo?

Dividida entre a boa educação e o próprio horário, Deanna escolheu as boas maneiras. — Na verdade eu não tenho nenhum tipo.

— Claro que tens. — Com uma leve gargalhada, Angela inclinou a cabeça. — Jovem, bem constituído, o tipo aventureiro. Atlético — continuou ela. — Precisas de alguém que possa acompanhar o ritmo frenético que estabeleceste para ti. E um bom intelecto, naturalmente, mas não totalmente cerebral. Precisas de alguém que consiga expor os seus pontos de vista em rápidas fracções de quinze segundos.

Ela não tinha realmente tempo para nada daquilo. Deanna pegou num dos seus lápis bem afiados e passou-o por entre os dedos. — Isso faz-me parecer um pouco superficial.

— De todo! — Os olhos de Angela arregalaram em protesto enquanto ela ria baixinho. — Querida, só quero o melhor para ti. Detestaria ver um interesse passageiro interferir com o momento da tua carreira, e quanto ao Marshall... Ele é um pouco finório, não é?

A irritação que começou a surgir nos olhos de Deanna foi rapidamente refreada. — Não sei o que queres dizer com isso. Eu gosto da companhia dele.

— Claro que sim. — Angela deu umas palmadinhas no ombro de Deanna. — Que mulher jovem não gostaria? Um homem mais velho, experiente, lisonjeiro. Mas deixá-lo interferir no teu trabalho...

— Ele não está a interferir com nada. Saímos algumas vezes nas últimas semanas, só isso. Desculpa, Angela, mas tenho mesmo de voltar ao trabalho.

— Desculpa — disse ela friamente. — Pensei que éramos amigas. Não pensei que um pequeno conselho construtivo te fosse ofender.

— Não ofendeu. — Deanna reprimiu um suspiro. — Mas estou apertada de tempo. Escuta, se eu conseguir arranjar um tempinho mais tarde, farei o que puder para te ajudar com a festa.

Como se um interruptor tivesse sido accionado, o olhar gélido deu lugar ao mais caloroso dos sorrisos. — És uma jóia. Fazemos assim: para provar que não guardo ressentimentos, podes levar o Marshall amanhã à noite.

— Angela...

— Vá, não aceito não como resposta. — Deslizou de cima da mesa. — E se pudesses lá chegar uma ou duas horas antes, ficava-te extremamente agradecida. Ninguém organiza como tu, Dee. Depois falamos melhor sobre isto.

Deanna recostou-se na cadeira quando Angela se afastou a passos largos. Sentia-se cansada.

Com um menear de cabeça, olhou para as suas anotações com os dedos pousados no teclado. Franzindo o sobrolho, relaxou-os de novo. Angela estava errada, pensou. Marshall não estava a interferir com o trabalho dela. Estar interessada em alguém não tinha que entrar em conflito com a ambição.



Ela gostava de sair com ele. Gostava da forma de ele pensar — da forma como ele conseguia abrir a mente para ver ambos os lados de uma situação. E da forma como ele ria quando ela tinha uma opinião e se recusava a mudar de ideias.

Ela gostava do facto de ele estar a deixar a parte física da relação desenvolver-se lentamente, ao ritmo dela. Embora ela tivesse de admitir que estava a tornar-se tentador acelerar as coisas. Há já muito tempo que não se sentia suficientemente segura e forte com um homem para convidar intimidade.

Quando isso acontecesse, ela teria de lhe contar tudo.

Deanna afastou rapidamente a lembrança antes que esta pudesse fincar as garras no seu coração. Ela sabia por experiência própria que era melhor atravessar uma ponte de cada vez.

A primeira ponte era analisar a sua relação com Marshall, se havia uma relação, e decidir até onde queria que esta fosse.

Um olhar para o relógio fê-la gemer.

Ela teria de atravessar aquela ponte pessoal a seu tempo. Colocou os dedos sobre o teclado e começou a trabalhar.

\*

A equipa de Angela chamava o seu edifício de escritórios de «cidade-la». Ela reinava como um lorde feudal a partir da sua rústica secretária francesa, dando ordens e distribuindo recompensas e castigos em igual medida. Qualquer um que permanecesse na equipa depois de um período experimental de seis meses era leal e diligente e mantinha em segredo as suas queixas.

Ela era, reconhecidamente, rigorosa, impaciente com desculpas e exigente em relação a determinados luxos pessoais. Afinal, ela mereceria tais requisitos.

Angela entrou na antessala do seu gabinete, onde a sua secretária executiva estava atarefadamente a tratar de pormenores para a gravação de segunda-feira. Havia outros gabinetes — produtores, pesquisadores, assistentes — ao longo do corredor tranquilo. Há muito que Angela deixara para trás o ruidoso bulício das redacções. Ela utilizara a informação não apenas como ponto de passagem, mas também como catapulta para as suas ambições. Ela só queria uma coisa, e quisera-a desde sempre: ser o centro das atenções.

Na informação, a história era rainha. A transmissora da notícia era notada, certamente, se fosse suficientemente boa. Angela tinha sido muito boa. Seis anos sob a pressão da reportagem em directo custara-lhe um marido, conseguira-lhe um segundo e preparara o caminho para o *Programa da Angela*.

Ela preferia muito mais, e insistia nisso, o silêncio de carpetes espessos e paredes isoladas.

— Tem algumas mensagens, Senhorita Perkins.

— Depois. — Angela escancarou uma das portas que conduziam ao seu gabinete particular. — Preciso de ti aqui, Cassie.

Começou imediatamente a andar de um lado para o outro. Mesmo quando ouviu a secretária fechar a porta atrás dela, continuou a movimentar-se impacientemente, sobre a tapeçaria *Aubusson*, passando pela elegante secretária, afastando-se da larga faixa de janelas, em direcção ao antigo armário que continha a sua colecção de prémios.

*Meus*, pensou. Ela ganhara-os, possuía-os. E agora nunca mais ninguém a ignoraria.

Parou ao lado das fotografias emolduradas e imagens que adornavam a parede. Retratos de Angela com celebridades em eventos de caridade e cerimónias de prémios. As suas capas na *TV Guia*, na *Time* e na *People*. Fitou-as, respirando profundamente.

— Será que ela já percebeu quem eu sou? — murmurou. — Saberá com quem está a lidar?

Abanou a cabeça e voltou para trás. Era um pequeno erro, lembrou a si mesma. Um erro que podia ser facilmente corrigido. Afinal de contas, ela gostava da rapariga.

Quando já estava mais calma, circundou a mesa e sentou-se na cadeira de cabedal rosa que o director geral da sua agência noticiosa — o anterior marido — lhe oferecera quando o programa atingira o topo das audiências.

Cassie permaneceu de pé. Ela não era tola de se aproximar de uma das cadeiras de mogno com os seus coxins de renda até ser convidada.

— Contactaste o catering?

— Sim, Senhorita Perkins. O cardápio está em cima da sua secretária.

Angela olhou para o menu e anuiu distraidamente com a cabeça. — A florista.

— Confirmaram tudo excepto os lírios — disse Cassie. — Estão a tentar encontrar aqueles que quer, mas sugeriram diversos substitutos.

— Se eu quisesse um substituto, tinha pedido. — Acenou com a mão. — A culpa não é tua, Cassie. Senta-te. — Angela fechou os olhos. Estava a ficar com uma das suas dores de cabeça, uma daquelas enxaquecas terríveis que apareciam de rompante. Suavemente, massajou o centro da testa com dois dedos. A mãe também costumava ter dores de cabeça, recordou. E afogara-as em álcool. — Vai buscar-me um copo de água, por favor. Estou a ficar com uma enxaqueca.

Cassie levantou-se da cadeira e atravessou o gabinete até ao bar reluzente. Era uma mulher calma, no aspecto e na fala. E era suficientemente ambiciosa para ignorar os defeitos de Angela no seu desejo por progredir. Sem nada dizer, escolheu a garrafa de cristal que estava cheia de água mineral e encheu um copo.

— Obrigada. — Angela tomou um analgésico com a água e rezou para que fizesse efeito. Não podia dar-se ao luxo de se distrair durante o almoço de trabalho. — Tens uma lista de confirmações para a festa?

— Está em cima da sua mesa.

— Ótimo. — Angela manteve os olhos fechados. — Entrega uma cópia disso e de tudo o resto à Deanna. A partir de agora é ela que trata dos detalhes.

— Sim, senhora. — Ciente dos seus deveres, Cassie passou por detrás da cadeira de Angela e massajou-lhe suavemente as têmporas. Os minutos passavam, contados pelo silencioso tiquetaque do relógio de caixa alta do outro lado da sala. Musicalmente, anunciou o quarto de hora.

— Verificaste a previsão do tempo? — sussurrou Angela.

— Prevê-se que esteja céu limpo e que haja uma descida da temperatura para os oito graus.

— Então vai ser preciso usar os aquecedores do terraço. Quero as pessoas a dançar.

Eficientemente, Cassie afastou-se para tomar nota das instruções. Não houve qualquer agradecimento pela sua atenção; não era necessário. — A cabeleireira deverá chegar às duas horas a sua casa. O vestido será entregue o mais tardar às três.

— Está bem, ponhamos tudo isso de lado por agora. Quero que entres em contacto com o Beeker. Quero que descubras tudo sobre o Dr.

Marshall Pike. Ele é psicólogo e tem um consultório aqui em Chicago. Quero a informação assim que o Beeker a conseguir em vez de ficar à espera do relatório completo.

Ela abriu de novo os olhos. A dor de cabeça ainda não estava completamente controlada, mas o comprimido já estava a fazer efeito. — Diz ao Beeker que não se trata de uma emergência, mas que é uma prioridade. Entendido?

— Sim, Senhorita Perkins.

\*

Às seis da tarde Deanna ainda estava a trabalhar a todo o vapor. Enquanto atendia simultaneamente três chamadas, dava os últimos retoques em notícias que seriam lidas nas notícias da noite. — Sim, compreendo a sua posição. Mas uma entrevista, particularmente uma entrevista televisiva, ajudaria a esclarecer o seu ponto de vista. — Deanna contraiu os lábios e suspirou. — Se prefere assim, claro. Acredito que a sua vizinha esteja disposta a contar-me a história frente às câmaras. — Sorriu quando soou um grito de indignação no auscultador. — Sim, nós preferíamos ter ambas as partes representadas. Obrigada, Sra. Wilson. Estarei aí amanhã às dez.

Deanna viu Marshall caminhando na sua direcção e levantou uma mão num aceno enquanto premia outro botão no telefone. — Desculpe, Sra. Carter. Sim, como eu estava a dizer, compreendo a sua posição. É uma pena o que aconteceu às sua tulipas. Uma entrevista televisiva ajudaria a mostrar o seu lado da questão. — Deanna sorriu quando Marshall passou suavemente uma mão pelos seus cabelos. — Se tem a certeza. A Sra. Wilson concordou em contar-me a história dela na televisão. — Afastando um pouco o auscultador do ouvido, Deanna revirou os olhos para Marshall. — Sim, isso seria óptimo. Estarei aí às dez. Adeus.

— História quente de última hora?

— Ânimos exaltados nos subúrbios — disse Deanna enquanto desligava. — Afinal amanhã vou ter de despender uma ou duas horas nisto. Umhas vizinhas estão envolvidas numa batalha campal por causa de um canteiro de tulipas, uma planta antiga e incorrecta e um *cocker spaniel*.

— Parece fascinante.

— Faça-te um ponto da situação ao jantar. — Ela não objectou

quando ele baixou a cabeça, e beijou-o com vontade. O beijo foi amigável, sem a pressão da intimidade. — Estás todo molhado — murmurou ela, saboreando chuva e pele fria.

— Está a chover a cântaros lá fora. Do que eu preciso é de um restaurante quente e de um vinho seco.

— Tenho mais uma chamada em espera.

— Fica à vontade. Queres alguma coisa?

— Uma bebida fresca. As minhas cordas vocais estão arranhadas.

Deanna colocou as ideias em ordem e premiu o botão seguinte. — Sr. Van Damme, lamento imenso pela interrupção. Parece haver um malentendido com a encomenda do vinho da Senhorita Perkins para amanhã à noite. Ela precisa de três caixas de *Taittinger*, e não duas. Sim, isso mesmo. E o vinho branco? — Deanna verificou a lista enquanto o fornecedor recitava a dele. — Sim, está certo. E posso descansá-la quanto à escultura de gelo? — Enviou outro sorriso a Marshall quando ele regressou com uma lata fria de *7-Up*. — Isso é maravilhoso, Sr. Van Damme. E trocou as tartes por miniaturas? Formidável! Acho que temos tudo sob controlo. Então, até amanhã. Adeus.

Com uma longa exalação, Deanna pôs o telefone no descanso. — Está feito — disse a Marshall. — Espero.

— Foi um dia longo para ti?

— Longo e produtivo. — Ela começou automaticamente a arrumar a mesa. — Agradeço que tenhas vindo ter comigo, Marshall.

— A minha agenda era mais leve do que a tua.

— Hum. — Deanna tomou um longo gole de refrigerante e depois pôs a lata de lado e desligou o computador. — E fico a dever-te uma por teres alterado os teus planos para amanhã por causa da Angela.

— Um bom psicólogo deve ser flexível. — Ele observou-a enquanto ela endireitava papéis e organizava apontamentos. — Além disso, parece-me que vai ser uma grande festa.

— Acho que sim. Ela não é mulher para fazer as coisas pela metade.

— E tu admiras isso.

— Claro. Dá-me cinco minutos para me refrescar, e depois prometo focar toda a minha energia em relaxar contigo num jantar.

Quando ela se levantou, ele mexeu-se de forma a que o seu corpo roçasse no dela. Foi um movimento subtil, uma sugestão subtil. — Parece-me bastante fresca.

Ela sentiu um arrepio de excitação percorrer-lhe as costas e o calor da consciência desabrochar no estômago. Inclinando a cabeça para olhar nos olhos dele, ela viu desejo, carência e paciência, uma combinação que lhe pôs o coração aos saltos.

Ela sabia que só precisava de dizer sim para esquecerem tudo sobre o jantar e o relaxamento. E por um momento, um momento muito longo e silencioso, desejou que pudesse ser assim tão simples.

— Não me demoro — murmurou.

— Eu espero.

Ele ia esperar, pensou ela quando ele se desviou para a deixar passar. E ela teria que decidir rapidamente se queria continuar com uma relação confortável e amigável ou partir para outra.

— Andas a tratar da cabecinha, Dee?

Ela viu o operador de câmara à porta a comer um chocolate. — Isso é tão foleiro, Joe.

— Eu sei. — Ele sorriu com o chocolate na boca. Havia um botão que dizia DISPONÍVEL preso ao blusão de ganga que ele trazia vestido. As calças tinham buracos nos joelhos. Os técnicos não tinham de se preocupar com a aparência. E era assim mesmo que Joe gostava. — Mas alguém tem de o dizer. Marcaste aquelas duas entrevistas para amanhã de manhã? A guerra das tulipas?

— Sim. De certeza que não te importas de abdicar da tua manhã de sábado?

— Não por mais uns trocos.

— Bom. O Delaney ainda está a trabalhar, não está?

— Estou à espera dele. — Joe deu mais uma dentada no chocolate. — Temos um jogo de póquer esta noite. Vou dar cabo dele por me ter obrigado a fazer dois turnos de seguida na semana passada.

— Então, faz-me um favor e diz-lhe que as duas entrevistas estão marcadas para amanhã às dez.

— Ok.

— Obrigada. — Deanna afastou-se rapidamente para retocar o cabelo e a maquilhagem. Estava a aplicar batom quando Joe entrou de rompante na casa de banho das senhoras. A porta bateu com força contra a parede, ecoando quando ele se precipitou sobre ela.

— Jesus, Joe! Estás doido?

— Põe-te a mexer, Dee! Temos um trabalho e temos de nos apressar.

— Tirou a mala dela de cima do lavatório com uma mão e agarrou-a pelo braço com a outra.

— Mas o que é que se passa? — Ela tropeçou na ombreira da porta quando ele a arrastou porta fora. — Alguém começou uma guerra?

— Quase tão quente. Temos de ir ao O'Hare.

— Ao O'Hare? Raios! O Marshall está à minha espera!

Lutando contra a impaciência, Joe deixou Deanna soltar o braço. Se ele tinha alguma queixa em relação a ela, era o facto de a visão dela não ser suficientemente limitada. Ela via sempre o periférico quando a câmara precisava de um plano mais fechado.

— Vai dizer ao teu namorado que és uma repórter. O Delaney acabou de saber que vai chegar um avião que está com problemas. É muito importante.

— Oh, Deus! — Ela regressou rapidamente à sala de redacção com Joe no seu encaço. Irrompendo através do pandemónio, tirou um bloco em branco de cima da secretária. — Marshall, desculpa. Tenho de ir.

— Já percebi. Queres que espere?

— Não. — Passou uma mão pelo cabelo e agarrou no casaco. — Não sei quanto tempo irei demorar. Eu ligo-te. Delaney! — chamou ela.

O coordenador de missões abanou o charuto apagado na direcção dela. — Despacha-te, Reynolds! Vamos fazer uma ligação em directo! Vê se me arranjas um bom furo jornalístico.

— Desculpa! — gritou ela a Marshall. — De onde vem o avião? — gritou a Joe enquanto subiam apressadamente as escadas. As botas de motociclista dele estrepitavam no metal como tiroteio.

— De Londres. Vão transmitir-nos o resto da informação pelo caminho. — Joe abriu a porta exterior e saiu para uma chuva torrencial. A camisola dos Chicago Bulls ficou imediatamente colada ao peito. Gritou no meio da tempestade enquanto abria a carrinha: — É um 747! Mais de duzentos passageiros! Falha no motor esquerdo, algum problema com o radar. Pode ter sido atingido por um relâmpago! — Para acentuar as suas palavras, um relâmpago iluminou o céu negro.

Já encharcada, Deanna entrou para a carrinha. — Qual é a hora prevista de chegada? — Como era costume, ligou o rádio da polícia sob o tablier.

— Não sei. Só espero que consigamos lá chegar antes dele. — Ele ia detestar perder uma só imagem do acidente. Ligou o motor e olhou para